

DOR E COMPAIXÃO — TRANSCENDÊNCIA E ENCARNAÇÃO

Quarto Capítulo da Tese: "A contribuição da teologia na busca do sentido da história à luz do pensamento filosófico de Jean Ladrière"

Pe. Fernando Altemeyer Júnior

Atualmente, nós buscamos viver na América Latina o mistério da Trindade assumindo todas as suas conseqüências sobre nossa vida sócio-político e econômica¹, a partir das pequenas comunidades, que desejam beber da Santíssima Trindade, como da única fonte pessoal e comunitária, núcleo paradigmático de nossa eclesialidade e de nossa teologia. Viver verdadeiramente como irmãos a fim de que possamos coerente-

mente denominar a Deus como nosso Pai². Mas, no exato momento de dizer o nome, e expressar pela palavra, os sentimentos do coração e a inteligibilidade histórica da fé, de novo constatamos a limitação desta expressão e a insubmissão deste Deus sem nome³.

Um dia, e esta é nossa busca utópica, sem estas redutoras e modernas idolatrias, que dão aos males o nome de amor ou paz⁴, também poderemos contemplar com

1. Excelente estudo desta temática foi realizado por Leonardo BOFF, *La Trinidad, la Sociedad y la liberación*, Paulinas, Madrid, 1987.

2. "Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque sua semente permanece nele; ele não pode pecar porque nasceu de Deus. Nisto se revelam os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão." (1Jo 3,9-10)

3. Cf. Gn 32,30; Ex 3,14 e ainda Os 8,1-7.

4. "Não lhes bastou errar acerca do conhecimento de Deus, pois vivendo na grande guerra a ignorância, a tais males proclamam paz!" (Sb 14,22).

a vista extasiada e o coração palpitante, o despontar por dentro da mais escura madrugada de um novo Amanhecer, misterioso, pleno de luz, e, no entanto, inefável⁵.

Viver o mistério de Deus e de sua revelação. Esse Deus que se dá a si mesmo, que assume não uma humanidade abstrata e sim um ser histórico, concreto, situado, Jesus de Nazaré, na província da Galiléia. Este Deus, inculturando-se numa pequena vila interiorana, nas fronteiras de Israel, torna-se participante cotidiano das dores e sofrimentos dos excluídos de seu povo, agente histórico concreto e conflitivo na Palestina do primeiro século. Hoje, cristãos e teólogos, às portas do século XXI, precisam tirar as conseqüências mais profundas desta encarnação, desta inculturação do mistério de Deus em Jesus de Nazaré, este judeu de raça e religião, e retomar o lugar específico e fundamental de sua pessoa, pois se o projeto do Filho foi fazer-se homem, a humanidade tornou-se a expressão temporal do amor e da missão do Filho Eterno, e a humanidade de Jesus é verdadeiramente a humanidade de Deus e a divindade de Cristo é verdadeiramente a divindade do humano.

Esta palavra própria da cristologia teológica será sempre uma palavra parcial, como o foi para Jesus, e para as comunidades primitivas, no sentido de que toda teologia é culturalmente peculiar. E hoje ela é ainda mais profundamente peculiar, enquanto está marcada, experimentada na dor, nos traços latino-americanos. Esta experiência da dor, acreditamos ser um dos aspectos comumente negligenciado em muitas das existentes elaborações teológicas, inclusive na América Latina, que mesmo ao falar da cruz de Jesus, não a historicizam a partir dos povos e pessoas hoje crucificados, e deixam de articular a pregação do Jesus Ressuscitado como manifestação plena do Filho, em sua concreta e histórica cruz, por sua experiência de dor e martírio. Tornam-se, estas elaborações, meros enunciados teóricos que não permitem que o mistério pascal penetre as situações de sofrimento humano na busca de sua separação. Não passam historicamente pela maldição da cruz e do crucificado, e, portanto, são incapazes de compreender historicamente a presença do mistério de Deus, como comunhão de pessoas que sofrem e amam, e por este amor são capazes de doar-se plenamente, e pela

5. Cf. música em homenagem a Santo Dias Silva de autoria de Luiz A. Passos: "Santo, a luta vai continuar, os teus sonhos vão ressuscitar. Operários se unem pra lutar, por teus filhos vai continuar. Santo, a aurora vai e vai chegar!" Cf. "Santo Dias da Silva", in Região EPISCOPAL BELÉM, *Cantos da Caminhada*, Região Belém, São Paulo, 1990, p. 139.

mediação de Cristo prefigurar uma nova humanidade.

Essa perspectiva inovadora está bem presente na reflexão de Jean Ladrière ao afirmar: "**Mas é claro que — qualquer que seja a relação da salvação, trazida por Jesus Cristo, com o mal, manifestado como pecado — há infinitamente mais na realização da salvação que a entrega que nos é trazida em relação ao pecado. Esta entrega, que é um elemento constitutivo, não é senão a face negativa de uma obra eminentemente positiva, que é a assunção da existência humana, pela mediação de Jesus Cristo, no Mistério Trinitário.**"⁶

Um novo e convincente discurso teológico tornar-se-á necessário e compreensível pelas pessoas e culturas que suplicam e buscam significado para seus clamores, se estas mesmas pessoas e nações sofredoras, obtiverem eco às suas palavras e gritos de dor. A experiência da dor e sua compreensão, sempre desafiaram a fé e sua inteligibilidade, particularmente enquanto a fé assume a cruz de Jesus como signo de contradição dentro de uma história. Todos conhecemos o antigo aforismo que diz: "*res sacra homo*", ou seja, o ser humano é uma realidade sagrada; mas, poucos compreendem a dor e o sofrimento de milhões de seres huma-

nos concretos, que têm sua realidade sagrada destruída. É necessário partir de uma compaixão nascida em nossas entranhas e não somente em nosso coração ou pensamento, assumindo a experiência da dor como categoria que nos interroge, e como linguagem expressiva⁷ que questione a racionalidade pré-estabelecida e, muitas vezes, insensível. Poderemos afirmar que a dor se exprime através de uma linguagem própria que exige discernimento, pessoal, humano, e em nosso caso, teológico. Pois como afirmava o apóstolo Paulo: "**Existem no mundo não sei quantas espécies de linguagem, e nada carece de linguagem. Ora, se não conheço a força da linguagem, serei como um bárbaro para aquele que fala e aquele que fala será um bárbaro para mim.**"⁸

Romper com este desconhecimento hermenêutico e teológico, e penetrar no mundo da dor, embora seja uma tarefa árdua, exigente, e que jamais prescindirá da conversão pessoal do teólogo, é tarefa absolutamente necessária, se quisermos dar inteligibilidade à nossa fé e coerência à nossa prática de solidariedade e amor junto ao mundo dos pobres. A experiência da dor em Jesus assume uma dimensão reveladora do mistério do amor de Deus a partir da

6. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 315.

7. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, 1984, p. 108-112.

8. Cf. 1Cor 14,10-11.

própria morte e da dor de Jesus na cruz, como uma pessoa que sofre e morre "propter nos", por nossa causa, em nosso favor; e finalmente, em nosso lugar. Essa atualização do mistério é a tarefa primordial da teologia que parte do lugar concreto dos pobres.

Estamos na América Latina dialogando e procurando compreender não somente o mistério do homem e de sua relação com Deus, mas sobretudo buscando superar dores e feridas históricas para que mais plenamente humanizados, inúmeros grupos humanos possam auto-compreender-se em sua própria experiência cotidiana. A partir desta auto-compreensão, revelar seus segredos e sua identidade própria a outras culturas e grupos humanos⁹.

Para nossa teologia latino-americana, partir da dor dos pobres é a garantia mais segura de nossa fidelidade ao Jesus crucificado que é o mesmo Jesus que é ressuscitado, pela força do seu Espírito e como afirmação plena do Amor de seu Pai.

A afirmação de Jesus de Nazaré como o Logos do Pai, portanto, significa mais do que uma simples confissão de fé articulada correta e dogmaticamente, através da ortodoxia niceno-constantinopolitana¹⁰, recitada a cada domingo nas celebrações eucarísticas de nossas comunidades, sobretudo significa um compromisso real e teológico com as dores dos pobres. Este nexo entre a ortodoxia pronunciada e a ortopraxia vivenciada, será um elemento verificador da veracidade desta teologia enquanto ela também "evangeliza, isto é, comunica a Boa-notícia"¹¹, e enquanto é capaz de produzir, de edificar a própria realidade eclesial, a partir do mundo dos pobres, pela força do Espírito¹².

Fazer teologia é para os teólogos latino-americanos, um ato necessário, que parte de uma inquietude nascida da vida eclesial e popular, uma estranha inquietude que mexe com nossa alma, nosso pensamento, e provoca nossa palavra.¹³

9. "Dito de outra forma, toda compreensão hermenêutica do comportamento de outrem é ao mesmo tempo, de maneira necessária, uma auto-compreensão do sujeito interpretante por ele mesmo." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, 1984, p. 46.

10. "Eu creio em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho único de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, Ele é Deus, luz, nascido da luz, verdadeiro Deus, nascido do verdadeiro Deus, engendrado, não criado, da mesma natureza que o Pai, e por Ele tudo foi criado." Símbolo Niceno-constantinopolitano, in Denzinger-Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum Definitivum*, 150, Edição 34, Herder, Roma, 1967, p. 66-67.

11. Cf. Leonardo BOFF & Virgil ELIZONDO, "Uma teologia partindo da ótica dos pobres", in *Concilium* nº 207, 1986/5, Vozes, Patrópolis, p. 531-534.

12. Cf. 1Cor 14,12.

13. "Tu excitas, ut laudare te defectet; quia fecisti nos ad te et inquietum est cor nostrum, Domine, donec requiescat in te". Santo AGOSTINHO, *Confissões*, Tomo I, Livro 1, ed. bilingue latim-francês, Les Belles Lettres, Paris, 1925, p. 2.

A experiência popular e a vida eclesial das comunidades dos pobres, portanto, estão exigindo do teólogo uma grande paixão, ou melhor, compaixão, a mesma compaixão que os filósofos de si próprios exigem, e que Heidegger denominava filosoficamente com a categoria de "nostalgia": esta inquietude permanente e infinita de filosofar mesmo sabendo de nossa finitude, e no caso da ciência teológica, esta inquieta compaixão permanente e infinita, de buscar dar sentido à vida de quem nem parece mais gente ou que sofre dores inimagináveis e que espera diuturnamente por libertação¹⁴. Como Heidegger afirmava no início de um de seus cursos, nas palavras citadas por K. Rahner: "**Os filósofos da Universidade não compreenderão jamais o que dizia Novalis: A filosofia (e toda filosofia é metafísica) é, propriamente falando, uma Nostalgia. Ela não é uma disciplina que se aprende. As ciências não são, com relação a ela, mais que servidas. Mas a arte e a religião são suas irmãs. Quem não sabe o**

que é a nostalgia, não sabe filosofar.. Nós somos os sem-pátria, e a própria inquietude, a inquietude viva: eis porque nós precisamos filosofar."¹⁵

Assim como com os filósofos, também com os teólogos, hoje em relação à experiência necessária da compaixão. Isto de maneira alguma deverá significar um retorno ao dolorismo ou à ideologia sacrificialista¹⁶, mas deverá ser uma renovada fidelidade ao serviço dos pobres, em sua busca de libertação, pois a dor dos pobres é estrutural e existencial, e a ressurreição nos insere profundamente na mudança desta história de dor em festa e comunhão. A dor dos empobrecidos é como a dor de inúmeras situações limites do humano; é muito mais profunda do que os teólogos podem imaginar, e sem compreendê-la ou ao menos ouvir o sujeito que geme ou diz a história de sua dor, o teólogo não será capaz de entender o humano em sua profundidade mais radical, enquanto vivida nas situações limites do amor ou da mística¹⁷.

14. "Quanto a mim, eu espero sem cessar, continuando o teu louvor; minha boca narrará tua justiça, todo dia a tua salvação" (Sl 71,14-15).

15. Declaração de Martin HEIDEGGER no início de um curso, citado por K. RAHNER, "Introduction au concept de philosophie existentielle chez Heidegger", in *Recherches de sciences religieuses*, Tomo XXX, nº 2, abril 1940, p. 154-155. (No artigo original equivocadamente consta como autor Hugo Rahner).

16. Veja-se estudo pertinente de René GIRARD, *La violence et le sacré*, Grasset, Paris, 1972.

17. "A visão mística é para a tradição patrística não uma abstrata contemplação individual. Ela é a realidade da fé na correta base cristológica." Nikos NISSIOTIS, "The word of god and Mystical Experience", in J. M. VAN CANGH ET ALII, *La Mystique*, Desclée, Paris, 1968, p. 25, nota 16.

Sem compreendermos o humano jamais poderemos fazer verdadeira teologia¹⁸. Sem assumir a dor do humano não será possível um discurso sobre o divino¹⁹, já como nos ensinava magistralmente Santa Teresa d'Ávila, doutora da Igreja: *"E vejo eu claramente que, para contentar a Deus e para Ele nos fazer grandes mercês, quer que seja por mãos desta Humanidade Sacratíssima, na qual sua Majestade disse que se deleita. Muitas, muitas vezes o tenho visto por experiência e tem-mo dito o Senhor. Tenho visto claramente que por esta porta temos que entrar, se queremos que a Soberana Majestade nos mostre grandes segredos. Assim V. Mercê, Senhor, não queira outro caminho, embora esteja no cume da contemplação. Por aqui vai seguro."*²⁰

Podemos citar os vários exemplos históricos dos povos sofredores nesta fundamental identidade de Jesus como Filho de Deus e como único caminho humano para o divino. E observar, e acompanhar inúmeras situações humanas que questionam uma teologia atenta à história, através da experiência atual dos doentes terminais

com Aids, do povo Sem-terra, do martírio de cristãos pela justiça social, das lutas de resistência dos pobres em favor da vida, enfim, da marcante espiritualidade vivida pelas populações marginais do terceiro-mundo, em suas comunidades eclesiais de base.

Esta experiência cristã, neste mundo dos pobres, é marcada pela dor, declara a dor, partilha sentimentos de dor em busca de saídas concretas para esta dor permanente, existencial e estrutural no seu viver cotidiano.

Enquanto a teologia não assume o sofrimento dos pobres como sofrimento de Deus, continua a falar de imutabilidade e não de compaixão, de deuses do Olimpo e não do Pai de Jesus, pois o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus constitui o núcleo fundante de nosso credo cristológico primitivo: "Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus, Deus há de levá-los em sua companhia."²¹

Como afirma Ladrière: **"Nesta imensa trama de acontecimentos, a vida, a morte e a ressurreição do Cristo, ocupa um lugar central e fundador."**²²

18. Ver estudo de Karl RAHNER, *A antropologia: problema teológico*, Herder, São Paulo, 1968.

19. "(...) *padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado...*", Símbolo apostólico, in Denzinger-Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum Definitionum Declarationum*, 12, Editio 34, Herder, Roma, 1967, p. 20-21.

20. Santa TERESA D'ÁVILA, "Livro da Vida - cap. 22", que diz como a humanidade do Cristo deve ser o meio para a mais subida contemplação, in *Obras Completas*, Carmelo, Portugal, 1978, p. 171.

21. Cf. 1Ts 4,14.

22. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 315.

Esta ligação de uma teologia capaz de auscultar os clamores e as dores, de reconhecer rostos concretos e capaz de dar nome a eles, enquanto expressões pessoais e coletivas do humano, é hoje uma das chaves de interpretação fundamentais para a busca de sentido²³, e a garantia de uma palavra vigorosa e própria da teologia no hoje dos conflitos históricos. A teologia é, pois, convocada a apresentar Deus como o único fim absoluto dos homens e mulheres na história, a partir de sua prática de misericórdia, gerando uma possibilidade real de mudança e de vivência de um novo projeto de vida²⁴.

Sabemos entretanto que, quando a dor é maior que a esperança, ela gera desânimo e uma atitude de resignação e submissão, daquele que sofre incansavelmente sem ver os frutos de alegria, nem se-

quer perspectivas de saída. Entretanto, quando a esperança supera a dor, numa atitude de confiança, sem deixar de passar pela dor, isto se torna como a busca de um oásis no deserto. Desde que estejamos convenientemente montados em adestrados e necessários camelos, ou seja, desde que utilizemos os instrumentos adequados para a travessia deste deserto, esta experiência nos apontará novos, livres e belos horizontes²⁵. Pois como nos ensinava magistralmente Dietrich Bonhoeffer: **"O mandamento divino é a permissão que eu tenho de viver como criatura diante de Deus. O mandamento divino é permissão. Ele se distingue de todas as leis humanas ao ordenar a liberdade."**²⁶

Esta é a certeza que nasce do sofrimento, e que galgando os diversos degraus da experiência espi-

23. Hoje também, como na Igreja dos primeiros séculos, notamos a presença do motivo da encarnação marcado pela soteriologia pascal, enquanto se apresenta como esperança e possibilidade concreta de salvação e libertação para todos os pobres. Veja-se, como exemplo, este texto base do Símbolo dos Apóstolos: *"Sejam, portanto, surdos quando vos falarem de outra coisa que de Jesus Cristo, da linhagem de Davi, (filho) de Maria, que verdadeiramente nasceu, que comeu, e que bebeu; verdadeiramente padeceu sob Pôncio Pilatos, que foi verdadeiramente crucificado e morreu, sob o olhar do céu, da terra e dos infernos, que também verdadeiramente ressuscitou dentre os mortos. É seu Pai que o ressuscitou, e é Ele também (o Pai) que a sua semelhança nos ressuscitará em Jesus Cristo, nós que cremos nele, fora de quem nós não temos a vida verdadeira."* Santo IGNECIO DE ANTIOQUIA, *Ignace aux Tralliens*, 9,1-2, SC 10, trad. P.Th. Camelot, Cerf, Paris, 1951, p. 118.

24. Cf. Ex 3,7-10; Jr 22,15; Dt 10,12-19; Jo 3,14-21.

25. *"Quando o sofrimento manifesta-se na sua força destruidora, a fraqueza humana torna-se mais evidente. A esperança é a força que nasce por dentro da própria fraqueza e limitação humanas para redescobrir o sentido do caminhar para um futuro novo. Assim o segundo discurso de Jó 6-7 baseia-se numa meditação do Salmo 8, sobre a grandeza e pequenez do ser humano (cf. Jó 7,17-18)".* Gilberto GORGULHO, "Jó e o sofrimento dos pobres", in *Vida Pastoral*, nº 166, Paulinas, São Paulo, 1992, p. 13-16.

26. Dietrich BONHOEFFER, *Ethique*, ed. Eberhard Bethge, Labor et Fides, Genève, 1965, p. 231-232.

ritual nos permite a participação, por Cristo, em Deus²⁷, lançando raízes na confiança absoluta no Pai-maternal, que nos quer felizes no festim que jamais se acaba²⁸, particularmente para seus escolhidos.

1. A COMPAIXÃO DOS POBRES

A dor em nosso continente é marcada pela injustiça²⁹, a partir da lógica do capital e de sua racionalidade intrínseca. O cotidiano da existência humana na América Latina é marcado por um imenso peregrinar de pobres, identificados sociologicamente pelo fenômeno migratório, que deixa marcas profundas de sofrimento e dor. Haverá sentido nesta dor que cresce durante a caminhada histórica? Seremos capazes de interpretar nestas dissimuladas "manifestações enigmáticas", presentes na experiência da dor e da compaixão, a vida escondida do sentido da história?³⁰ Como fazer a festa e a esperança

acompanhar um povo marcado na carne e no corpo por uma dor permanente, existencial, se sabemos que a festa não migra³¹, e que o mais sagrado de nós não viaja?

E apesar disto, pode-se constatar neste mesmo povo uma compaixão profunda que é sinal revelador de uma fé que expressa um estado interior³², e que subsiste secularmente através de uma fidelidade itinerante e comunitária.

A busca de plenificação da existência humana, acontece em várias direções, uma das quais se faz primordialmente para baixo, na busca das raízes, da terra, da memória³³. Uma necessária busca das origens, pois, sem raízes não se pode crescer e sobreviver. Ao confrontar-se com a experiência de uma dor injusta e visceral, a pessoa humana busca reconstituir o corpo despedaçado por constantes migrações nesta sua verdadeira e histórica "via-crucis"³⁴.

27. "Potens est enim in omnibus Deus visus quidem tunc per Spiritum prophetice visus autem et per Filium adoptive, videbitur autem et in regno caelorum paternaliter, Spiritu quidem praeprante hominem in Filium Dei, Filio autem cente ad Patrem, Patre autem incorruptelam donante in aeternam vitam, quae unicuique evenit ex eo quod videat Deum." Santo IRINEU, *Adversus haereses*, Livro 4, 20, 5, SC 100, Tomo II, Rousseau, Paris, 1965, p. 638-641.

28. Cf. Mt. 22,2-14.

29. Veja-se o excelente estudo: CAFOD, *Poverty and Power, Latin America After 500 years*, Ed. por George GELBER, Cafod, London, 1992, p. 1-100.

30. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, 1984, p. 181-182.

31. "Como poderíamos cantar um canto de lahweh numa terra estrangeira?" (Sl 137,4).

32. "Se existe analogia entre sinal revelante e expressão de um estado interior, as condições da percepção do sentido são da mesma natureza de uma parte e de outra." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, 1984, p. 134.

33. Cf. Estudo da SOTER, *América Latina: 500 anos de evangelização, reflexões teológico-pastorais*, Paulinas, São Paulo, 1990.

34. Ver estudo espiritual de Gustavo GUTIERREZ, *Hablar de Dios a partir del sufrimiento del inocente, una reflexión sobre el libro de Job*, Cep, Lima, 1986.

Este exercício de busca das origens toca na mística da pessoa enquanto totalidade e nos questiona sobre uma indispensável teologia do corpo.³⁵

O migrante convive com a dor como algo que está entrelaçada em sua vida, como acontecimento e lembrança permanentes³⁶. A busca de saúde e da felicidade são palavras do cotidiano das mulheres e homens pobres. A religião e a teologia acompanham este peregrinar incessante em busca de compreensão e superação da dor, como a grande aposta da esperança³⁷.

A teologia apercebe-se que o povo empobrecido desenvolve nas situações limites uma resistência tenaz, quase incompreensível diante de tanta miséria e exploração³⁸. São nestas batalhas centrais da vida, onde se vislumbra o sentido último da existência, onde se toca o cerne do humano, que as marcas da memória adormecida, das dores passadas³⁹, se tornam horizonte soteriológico. E este horizonte constitui-se num verdadeiro credo histó-

rico pela memória viva⁴⁰. A memória e a experiência permitem descobrir que "A salvação, ela mesma é um advir, ela é advir de sua própria realização enquanto 'eschaton', ela é sempre também como pôr-se em marcha e como promessa, ela é anúncio dela mesma, de um lado como presente e de outro como ainda não advindo, ela é solicitação operante, e isto precisamente porque ela é inteiramente relativa a um acontecimento recapitulador e integrador, o acontecimento definitivo daquilo que ela anuncia e daquilo que ela é, o devir efetivo na atualidade de um dom sem reserva daquilo que é desde sempre como horizonte de sua própria progressão."⁴¹

2. A COMPAIXÃO DE DEUS

Pensar o sofrimento em Deus como sendo chave de compreensão do Deus bíblico, do Pai de Jesus, como o fizeram Dietrich Bonhoeffer, e particularmente, a teologia e cristologia da "Process Theology", ao apresentarem a Deus

35. A prática de Jesus é aqui fundamental, particularmente no episódio do homem da mão seca, Mc 3,1-6. Ainda Lc 13,10-17 e 1Pe 2,5-10, nos configuram uma inovadora teologia do corpo. Leia-se Jean LADRIÈRE, "L'eucharistie, Sacrement du corps du Christ", in Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 319-323.

36. "Lembra-te de minha miséria e de minha angústia: absinto e veneno. Eu me lembro, abatido dentro de mim" (Lm 3,19-20).

37. "Eis que o recordarei a meu coração e por que eu espero: Os favores de lahweh não terminaram, suas compaixões não se esgotaram." (Lm 3,21-22).

38. "De manhã semeia tua semente, e à tarde não repouses a mão, pois não sabes qual delas irá prosperar: se esta ou aquela, ou se ambas serão boas." (Ecl 11,6).

39. Cf. Ex 12,2-13.

40. Cf. Dt 26,5-10.

41. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 240.

como "eminente encarnado", compassivo e também marcado pela dor, de maneira própria e inovadora. Uma nova e verdadeira enunciação conceptual de Deus⁴². Este trabalho é fundamental em nossa realidade diante da dor e da compaixão, verdadeiro desafio à nossa inteligência especulativa, como afirma Ladrière: "*Se há uma real transcendência da ordem da fé em relação à ordem da razão, não há, entretanto, entre estas duas ordens total descontinuidade; o discurso da fé pode se apoiar sobre o da razão. Existe, portanto, no trabalho da inteligência especulativa, como preparações inconscientes do esforço teológico. De tal forma que a inteligência teológica será verdadeiramente baseada no tomar em conta tal ou qual conceito, ou mesmo tal ou qual sistema conceitual, que lhe pareça particularmente apto a prestar-se ao trabalho de transmutação que ela tem a seu cargo.*"⁴³

O Deus que se revela no salitério é compreendido hoje, pelas pessoas que o testemunham, co-

mo aquele que as sustenta na luta diária da sobrevivência e que conhece a dor por dentro, pessoalmente e misteriosamente. Deus se compadece de maneira única junto daqueles que vivem situações também únicas. Ele sofre junto. Se faz homem das dores⁴⁴ e não nos deixa sozinhos em nossa solidão. Existe uma certa identificação, uma comunhão na dor, no sentido de que esta solidariedade aponta para a encarnação. Esta encarnação vivida até o limite da cruz acompanha o sofrimento de toda humanidade. Mas muitas vezes esta mesma cruz, assenta raízes e experimenta pessoas, comunidades, e até, a própria Igreja. A dor do Filho de Deus na cruz ao ser vivida como mistério divino, revela a significação humana da dor. Revela também a compaixão do Pai, como mistério da Trindade.

Neste sentido a dor passa a ser vivida em Deus e este Pai que ama e sofre, que não pode ser jamais visto, pode e quer ser experimentado.⁴⁵

42. Cf. Dietrich BONHOEFFER, *Letters and Papers from Prison*, ed. Eberhard Bethge and trans. R. H. Fuller, SCM Press, London, 1953, p. 164 e 166. Ainda Schubert M. OGDEN, *The reality of God and other essays*, Southern Methodist University Press, Dallas, 1992, p. 53, 60 e 64.

43. Cf. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 312.

44. "Descobrir nos rostos sofrendores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial. Na fé encontramos os rostos desfigurados pela fome." CELAM, *Conclusões de Santo Domingo: Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, Jesus Cristo ontem, hoje e sempre, Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano*, nº 178, Paulinas, São Paulo, 1992, p. 161.

45. Este experimentar Deus, a partir, especialmente, das situações limites, possui um caráter essencial para o nosso estudo sobre a relação entre a experiência da dor e a experiência da fé. Como diz Ladrière: "*a experiência da fé, que é ao mesmo tempo um consentimento, um engajamento e uma participação: consentimento em relação à vocação que se propõe nas*

O cotidiano da vida dos pobres e nossa experiência humana marcada por nossos limites mostra o quanto temos que suportar. Ao acreditarmos na existência de um sentido, conseguimos ser irmãos, e os próprios limites pessoais tornam-se ocasião para o amor e o respeito do outro e para a descoberta de seus segredos. Pela intimidade, pelo carinho e pela confiança vividos na solidariedade na hora da dor, criamos laços inquebrantáveis. Isto é amar de verdade e, se transforma na fonte da jovialidade pessoal e humana⁴⁶, dentro das diferentes histórias concretas das pessoas.

Podemos dizer que a dor humana abre o campo da significação da compaixão em Deus e esta, nos permite conhecer ao Pai que nos ama na dor e no amor, pela profunda experiência da confiança. Pela dor, vivendo a compaixão, nos deixamos guiar pela confiança, nascida da certeza de uma presença. Esta foi a atitude histórico-teológica exemplar de Jesus.

Nós o vemos movido pela compaixão na parábola do Bom Samaritano⁴⁷, ou na parábola do Filho pródigo⁴⁸ e ainda na cena da cura do homem possuído por espíritos impuros.⁴⁹

Hoje, também nós perguntamos sobre qual deve ser o preço material e simbólico da sanidade física e mental das multidões empobrecidas do terceiro mundo para que possam viver e participar da misericórdia de Deus, superando essa sociedade produtora de dores pela injustiça. Ao participarem do gesto de compaixão renovam a vida de dores e exclusão. Recobram a dignidade e a identidade perdidas. Estes homens pobres se tornam anunciadores privilegiados da mensagem do amor misericordioso do Pai face a toda a humanidade e reveladores do sentido maior da existência humana. Causam espanto e admiração pela novidade apresentada com audácia, e por eles pessoalmente testemunhada como prova viva da manifestação de

palavras do anúncio, engajamento em relação à pessoa do Cristo, reconhecido como Filho de Deus e Salvador, e por isto, engajamento numa obra de salvação que se realiza, participação no mistério salvífico anunciado e tornado presente e operante na vida do Cristo. Estes três momentos são naturalmente inseparáveis." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 170.

46. Cf. Is 11,1-9.

47. Cf. Lc 10,31-33.

48. Cf. Lc 15,20.

49. Cf. Mc 5,1-20. A atitude de Jesus e a cura do homem possesso, suscitam diferentes atitudes na população: de um lado, medo e súplica para que se afaste, pois o preço da sanidade de um homem significou a morte de muitos porcos. De outro lado, o reconhecimento do homem curado, ao participar da misericórdia de Deus, de uma forma inteiramente gratuita e inovadora em sua cultura.

Deus em nossas vidas. Desta maneira sua nova existência, marcada pela transformação radical de seu corpo e da trama histórica das relações humanas, se torna novamente um lugar privilegiado da revelação e manifestação, pela fé, da confiança dos pobres face à compaixão e misericórdia de Deus⁵⁰.

Desta forma o compreenderam os Padres Conciliares ao afirmar: **"Como a natureza humana foi n'Ele assumida, não aniquilada; por isso mesmo também foi em nós elevada a uma dignidade sublime. Com efeito, por Sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-se a algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado."**⁵¹

3. DEUS AMANDO NA HISTÓRIA

Precisamos realizar um ato de fé no humano⁵² e em seu horizonte escatológico como graça de Deus, e compreender a teologia como

uma antropologia que intervém concretamente na sociedade conflitiva participando, de maneira peculiar, das mudanças concretas no real.⁵³

Esta antropologia teológica deve nos abrir para nossa conformidade com a eterna verdade, com o Transcendente, nos impedindo que leituras parciais da realidade se transformem em Absoluto. Podemos compreender o Absoluto como transcendente (o Outro exterior), como subjetividade integradora (o Outro interior); como plenificação das pessoas (o Outro como fonte de amor), e como anterioridade geradora de vida (o Outro como Criador). Esta busca, realizada através de uma correta hermenêutica especulativa, se esforça por compreender aquilo que a confissão da fé já experimenta⁵⁴.

Nutrir-se do Absoluto, do Deus vivo e verdadeiro⁵⁵, do sentido maior da existência, para, à luz desta experiência, atuar como palavra geradora de comunhão no concreto das relações sociais, marcadas pela absurda e contínua negação do Outro e destes milhões de ou-

tros negados como pessoas. Afinal, afirmar Deus como afirmação plena da humanidade⁵⁶.

Isto exige uma palavra clara e uma convicção ainda mais profunda, dos teólogos e da teologia, diante do processo histórico dos povos oprimidos.⁵⁷

Podemos descobrir esta presença de Deus agindo na história, e participando da dor e compaixão de toda a humanidade ao retomarmos, por exemplo, a teologia deuteronômista da Aliança⁵⁸, que confirma a atual re-leitura presente concretamente hoje na América Latina e se torna chave interpretativa e exigência de conversão, verdadeira "metanóia".

Isto também está bem presente na prática histórica de Jesus, espe-

cialmente lida pela perspectiva da comunidade de Marcos, tido como o Evangelho do Caminho, e presente também em nossa teologia popular na imagem da "caminhada", que é tão freqüente e forte, particularmente num hino tradicional das comunidades eclesiais de base, denominado "Povo de Deus"⁵⁹.

Construímos uma teologia que seja vivida como "contemplativus in actione"⁶⁰, uma palavra fundada na contemplação, articulada dentro dos marcos desta epistemologia teológica rigorosa, compreendida como hermenêutica⁶¹, e comprometida com uma prática profética, atenta aos sinais dos tempos, e enraizada numa espiritualidade sapiencial. Ao assumir as leituras das diferentes ciências, da

50. Cf. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 229-257.

51. Cf. Gaudium et Spes 22.

52. "Numerosas são as maravilhas do mundo mas a maior das maravilhas é o homem." SÊFOCLES, *Antígona*, Tomo I, 331-332, edição bilingue greco-ingles F. Storr, Coll. The Loeb Classical Library 20, William Heinemann, London, 1912, p. 341.

53. "Sem dúvida a teologia se apoia sobre fatos, mas estes fatos devem ser considerados não somente em sua realidade empírica mas enquanto sinais." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, 1984, p. 136.

54. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 308.

55. Cf. Os 2,16-25.

56. "Quanto a Deus, eu gosto de dizer que Ele é a prova do homem! Eu quero dizer o seguinte: que a afirmação de Deus, longe de deprimir o homem, o confirma em sua humanidade. O Deus que se dá, 'se prova' ao nos doar toda nossa estatura, toda nossa envergadura, ao oferecer-nos a realização do último de nós mesmos." Adolphe GESCHÉ, "Dieu est la preuve de l'homme", in *Printemps*, nº 209, Vocariat du Brabant-Wallon, Wavre, 1993, p. 16-18.

57. "Uma meta da Evangelização será sempre a salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano, que fortaleça sua identidade e confie em seu futuro específico, contrapondo-se aos poderes da morte, adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou o homem partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora. A Igreja defende os autênticos valores culturais de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecados manifestas na sociedade moderna." CELAM, *Conclusões de Santo Domingo: Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre, Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano*, nº 243, Paulinas, São Paulo, 1992, p. 192.

58. "E Eu lhes darei um caminho outro e um coração outro, para me temerem todos os dias, e pelo bem deles e por seus filhos depois deles." (Jr 32,39 - tradução da LXX).

59. "O Povo de Deus no deserto andava mas à sua frente alguém caminhava. O Povo de Deus era rico de nada, só tinha esperança e o pó da estrada. Também sou teu povo, Senhor, e estou nesta estrada, contando contigo ninguém teme nada." Cf. "O Povo de Deus", in Região EPISCOPAL BELÉM, *Cantos da Caminhada*, Região Belém, São Paulo, 1990, p. 71.

60. Cf. O conhecido axioma de Santo Ignácio de Loyola.

61. "O problema central da hermenêutica é precisamente de compreender como, num discurso interpretativo, a linguagem se ajusta à realidade que ela visa, se reveste do sentido que ela faz chegar até nós." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, 1984, p. 124.

mediação filosófica e potenciar suas virtualidades, buscamos uma nova inteligibilidade, uma racionalidade lógica da fé, nesta tarefa própria da teologia, que é, produzir luz e compreensão racional ao mistério cristão, e deste fecundo debate, por vezes contraditório e dialético, haurirmos nas entranhas da história, nosso sentido de esperança, como nova utopia.

A palavra teológica de Deus que ama e se compadece na história se torna uma teologia a serviço dos que não tem poder. Ao dizermos esta outra expressão simbólica de Deus, abrimos um caminho inovador dentro de nossas possibilidades históricas.

A Palavra de Deus adquire carne temporal e sentido vital na construção de alternativas históricas, tornando a ação de Deus co-participante histórica pela mediação fundamental da Revelação. A partir dos homens e mulheres concretos, e com eles, afirmamos com humildade, nossa convicção e nosso horizonte escatológico: "*Contemplata aliis tradere*".

Podemos concluir dizendo que a teologia é uma busca incessante dos segredos do amor, alimentada pela participação comum dos interlocutores deste gesto de amor: Deus e a humanidade⁶³. E portanto, a nossa principal tarefa teológica será sempre uma operação do coração.⁶⁴

4. INTERCOMUNICAÇÃO TRINITÁRIA

Nossa reflexão sobre o Absoluto de Deus tem como ponto de partida, seguindo a tradição dos padres gregos, a comunhão da Trindade como experiência pessoal de intercomunicação. Através da noção de pericórese, compreendida como circularidade do amor na busca da unidade, temos a garantia fundamental de nosso monoteísmo e a exclusão radical da idolatria.

Ao afirmarmos a Trindade como único Absoluto estamos negando um estatuto divino a outras realidades que se pretendem absolutas e reafirmando a nossa fé exclusivamente monoteísta, estamos gerando no interior da sociedade uma força única de negação da

injustiça pela afirmação do Pai, do Filho e do Espírito. A afirmação do Pai como inato e transcendente, que se apresenta como *Yahweh* — Deus se revelando nas gerações — como aquele que diz "*Eu serei aquele que serei*", mas que já é a anterioridade que dá a vida, pela filiação do Cristo e pela santificação do Espírito, torna-se no hoje da história humana presença que faz desta história lugar privilegiado da aliança entre a comunhão divina e a humanidade.

Nossa plenificação humana é portanto, desta forma, uma aproximação contínua do divino na pessoa de Jesus Cristo⁶⁵, como expresso numa das fórmulas litúrgicas de louvor das mais expressivas de nossa liturgia eucarística: "*Por ele, com ele e nele, a ti, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, pelos séculos dos séculos, Amém.*"⁶⁶

Tudo isto não seria possível se dentro de nós mesmos já não ti-

véssemos um Outro interior, o Espírito de Amor, capaz de aquecer esta nossa busca que tem como finalidade repousar na glória e santidade do Deus vivo.⁶⁷

Compreendemos no desenrolar dos acontecimentos os momentos oportunos da maturidade pessoal e humana nesta teia de relações, e particularmente nos sinais inteligíveis presentes a cada momento histórico.

Em outras palavras, afirmamos que o Espírito de Deus não destrói, como interventor, a história humana mas a plenifica a partir de suas próprias potencialidades e limitações, sendo base de nossa subjetividade integral e fonte do amor.⁶⁸

A tarefa teológica da interpretação da história, inspirada na Trindade, vive confrontada pela realidade concreta do mal e do sofrimento, mas ao experimentar a fé e a partilha numa vida comunitária, a transforma em vida significativa.⁶⁹

62. Veja-se estudo de José COMBLIN, *Os sinais dos tempos e a evangelização*, Duas Cidades, São Paulo, 1968.

63. "*Encontrou o amigo um escudeiro, magro, pálido e pobremente vestido, que andava pensativo. Saudou este amigo, desejando-lhe que Deus o encaminhasse ao encontro do Amado. O amigo perguntou-lhe como sabia do seu amor, e o escudeiro respondeu que quem tem um segredo de amor descobre o do outro, e que por isso os amantes se reconhecem.*" Raimundo LULIO, *Livro do amigo e do amado*, Loyola, São Paulo, 1990, p. 55.

64. "*Nós podemos dizer que é uma operação do coração, para indicar que nela a existência toda inteira se assume, se arrisca e se decide. Sendo palavra do coração, a palavra da fé é sempre simultaneamente, compreensão e incompreensão dela mesma e de seu objeto.*" Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, p. 189.

65. "*Eu disse, sois deuses? Se ela chama de deuses aqueles aos quais a palavra de Deus foi dirigida - e a Escritura não pode ser anulada - àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizéis: 'Blasfemas! porque disse: 'Sou Filho de Deus!'' (Jo 10,34b-36).*"

66. Cf. "Oração Eucarística nº 2" in *Prières et chants du peuple de Dieu*, Ed. Tardy, Paris, 1987, p. 29.

67. Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, p. 118.

68. "*O Espírito que procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho recebe mesma adoração e mesma glória; ele que falou pelos profetas.*" Símbolo Niceno-constantinopolitano, in *Dezinger-Schönmetzer, Enchiridion Symbolorum Definitionum Declarationum*, 150, Editio 34, Herder, Roma, 1967, p. 66-67.

69. "*E refaz por assim dizer, no movimento segundo do pensamento crítico, o ato original da produção pelo qual ela se põe a si mesma como vida significativa.*" Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. I, Cerf, Paris, p. 183.

5. REALISMO HISTÓRICO E TRANSCENDÊNCIA

Entretanto, o desafio da realidade pessimista da história dos empobrecidos, cria difíceis e angustiantes questões para que nosso pensamento não se esterilize ou se conforme.

Hoje, às portas do terceiro milênio, somos desafiados à um pensamento cada vez mais global e ao mesmo tempo humanamente interior curvando para o infinito. Há uma busca de globalidade e do infinito. Paradoxalmente o individualismo e a injustiça social negam a vida da maneira mais brutal e eficaz que a própria humanidade jamais pôde suportar possível.

Afirmamos as potencialidades do universo, da terra e do homem, e permanecemos desafiados pela questão do mal e do mistério da iniquidade⁷⁰.

Atualmente a humanidade defronta-se com quatro infinitos nestes tempos da modernidade:

- *o infinitamente grande — universo e galáxias;
- *o infinitamente pequeno — micro-partículas e células;
- *o infinitamente complexo — cérebro humano, e o infinitamente humano-coração, como fonte da amorização.

A humanidade percebe que o conjunto das relações que nos

constituem passa hoje por novas considerações e sínteses. Enquanto há apenas trezentos e cinquenta anos desaparecia uma espécie viva por ano, hoje desaparecem dez espécies por dia e no ano dois mil d.C., desaparecerá uma espécie por hora. Descubram os povos que os recursos naturais deste planeta estão se esgotando e o desenvolvimento não é portanto ilimitado. Uma das absolutizações contemporâneas está naufragando. Descobre-se também que a constatação da diferença do tempo biológico face ao tempo tecnológico, fez e faz revoluções a cada nova geração.

A humanidade está sendo chamada a pensar o Absoluto de Deus, superando o antropocentrismo unilateral e retomando o valor da ecologia, do cosmos, do nosso ecossistema de espaço de convivência fraterna e não como o lugar de dominação do homem, sobre o cosmos e sobre seus irmãos. A reflexão sobre Deus e sobre a criação têm surpreendido a humanidade e a teologia têm algo próprio e inovador a contar e a propor.

Muitos estão constatando uma realidade ancestral: nós, os humanos, chegamos tarde na criação e somos o clímax frágil da natureza, mas devemos venerar este mesmo Universo, com seus 15 bilhões de anos. Percebemos que nele parti-

cipamos e subsistimos. Sabemos também que subsistirá o ser mais relacionado, e que a compaixão humana é, quiçá, a porta estreita e única para nossa sobrevivência, neste pequeno planeta azul.

Estamos compreendendo nossos limites e responsabilidades, pois bastam dois dias para uma criança morrer se deixada só. Põe-se de maneira atual a antiga questão da nossa identidade e de nossa diferença. Recoloca-se a questão da complementaridade e da reciprocidade entre os seres humanos, da criação e da transcendência. Estamos sendo convocados a superar o discurso cartesiano da violência sobre a realidade, produzido com base estrutural na agressão da espécie mais forte.

Apresentar Deus como único absoluto na história dos homens, nos lança numa desafiante busca, cada vez mais apaixonada, pela verdade. Busca de uma verdade que se faz história e história solidária. Às vezes, esta busca se assemelha à uma saudade imensa de fraternidade quase perdida, e outras vezes já a saboreamos como aperitivo do Reino, pelas experiências humanas de plenificação⁷¹.

Diferentemente de determinadas escolas filosóficas que pretenderam afirmar o homem negando a Deus, hoje para a teologia latino-americana, a afirmação do humano é a afirmação do divino⁷², pois este Deus humano em Jesus, e comunhão na Trindade, nos afirma esta mesma experiência e revelação pela sua Ressurreição: "**E, por eles, a mim mesmo me santifico, para que sejam santificados na verdade.**"⁷³

Esta afirmação do humano plenificado por Deus, desafia o pensamento teológico, pois podemos dizer que o teólogo nasceu só para Deus. Deus para praticar as ações no seio da humanidade peregrina e o teólogo as escreve.

A questão da transcendência em nossa teologia latino-americana emerge na história como sinal antropológico e misterioso do Deus que é capaz de encarnar-se e humanizar-se pela compaixão e afetividade⁷⁴. A transcendência é vista conseqüentemente como expectativa utópica, como esperança escatológica, apontando um horizonte sempre novo na busca contínua por não reduzir as potencialidades do futuro. É, enfim, uma

70. Cf. Adolphe GÉSCHÉ, *Dieu pour penser*, T. I.: Le mal, Cerf, Paris, 1993.

71. Cf. Thomas MERTON, *La Nuit privée d'étoiles*, Albin Michel, Paris, 1951, p. 176-177.

72. Cf. estudo de Leonardo BOFF, *Encarnação, a humanidade e a jovialidade de nosso Deus*, Vozes, Petrópolis, 1985.

73. Cf. Jo 17,19.

74. "O termo 'afetividade' é aqui tomado em sentido bem fundamental. Não se trata nem de emoção, nem mesmo, falando propriamente, de sentido, mas originalmente, de certo tipo de receptividade constitutiva que nos torna capazes de nos adequar à realidade nas suas diversas manifestações." Jean LADRIÈRE, *L'articulation du sens*, T. II, Cerf, Paris, p. 60.

transcendência que se revela na "Kénosis"⁷⁵, nesta dor profunda de pessoas concretas capazes de superar a própria dor. Uma transcendência capaz de contemplar o Deus dos fracos, como afirmação e sua própria força inesgotável e como Deus-comunhão capaz de encarnar-se.

Deus confirma, de fato, seu designio de amor e sela uma aliança firme e indestrutível com toda a humanidade para que se possa n'Ele depositar a confiança mais absoluta. É esta transcendência anunciada pelos deserdados, pelos mutilados, pelos zeros da história, que misteriosamente apontam para o Pai de Jesus e desafiam todo conhecimento e discurso das teologias sacrificialistas de um lado, e das teologias retributivas, de outro.

Os pobres com suas dores se fundamentam na graça de Deus. A compaixão assim vivida, participa do mistério trinitário, revelado por Jesus. E a partir dos últimos da história ela refaz a esperança para todos os participantes desta caminhada histórica da espécie humana mergulhada no eco-sistema da vida terrestre.

A teologia daí nascente torna-se testemunha privilegiada do encontro com Deus, como o afirma a novela exemplar de Jó, no texto tido como centro deste livro sapiencial: *"Eu sei que o meu Defensor está vivo e que no fim se levantará do pó: depois do meu despertar, levantar-me-á junto dele, e em minha carne verei a Deus. Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um estranho. Dentro de mim consumem-se os meus rins."*⁷⁶

Afirmamos que o ato maior desta esperança teológica, significativa e interpretativa, está em participar na vida e na bondade deste Deus pleno de misericórdia. Poderemos construir e articular coerente e organicamente uma teologia que busque o sentido da história. Defendendo a vida. Aman-do a beleza. E participando da compaixão do Deus-comunhão.

Pe. Fernando Altemeyer Júnior é mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Professor assistente da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Exerce trabalho pastoral na Região Episcopal Belém, Arquidiocese de São Paulo.

75. "Mas escravizou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2,7-8)."

76. Cf. Jó 19,25-27.

ISAÍAS 11: FORMA Y SIGNIFICADO

UN CANTO DE PAZ Y DE ESPERANZA

Pe. Luís Carlos Jaime Murillo

INTRODUCCION

Es indiscutible que los profetas ejercen sobre las personas un influjo grande. Su libertad frente a las estructuras (políticas, sociales y económicas), su capacidad de intuición, sus palabras, sus dones, los hacen personas cercanas a nuestra realidad. Por este mismo hecho, su figura y su mensaje continúan vigentes en el mundo de hoy, convirtiéndose en un desafío para quienes en nombre de Dios anuncian la justicia, la paz y el amor.

Isaías fue un profeta fuera de serie; es apasionante entrar en sus escritos, conocer su figura, tratar de entender su predicación y saber cuáles fueron sus opciones. Por esto mismo, en el presente trabajo hemos tratado de aproximarnos un poco a esta figura que hizo su aparición en el siglo VIII A.C.

I PARTE: VISION DE CONJUNTO

La hemos denominado de esta manera pues queremos aquí presentar de una forma genérica los diferentes elementos presentes en

el capítulo 11, a saber: estructura literaria, contexto histórico y la figura del profeta Isaías.

1. ESTRUCTURA LITERARIA

En el presente capítulo vemos dos grandes partes: 11,1-9 y 11, 10-16. Hemos subdividido 11,1-9 en dos partes: 11,1-5 y 11,6-9.

Para facilitar nuestro trabajo y nuestra comprensión, creemos necesario darles un título. Veamos:

11, 1-5: "El canto del Vástago-Retoño y del Espíritu".

11, 6-9: "El canto de las creaturas".

11, 10-16: "El retorno de los desterrados".

1.1. IS 11,1-5: "EL CANTO DEL VÁSTAGO-RETOÑO Y DEL ESPÍRITU".

En esta unidad el autor centra su atención en describir el origen del Vástago-Retoño, sus orígenes son insignificantes pues el tronco del cual nacerá, está cortado, pero una savia peremne, la Promesa Divina, vivifica la cepa¹.